

## A MATERIALIDADE QUE VEJO E A EFEMERIDADE QUE SE ME DEFRONTA

Dias, Caroline Pereira; M<sup>a</sup>; Universidade Federal de Santa Maria, caarol.cadi@gmail.com<sup>1</sup>  
Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON/UFSM)<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta proposta resulta de minha dissertação já concluída no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Maria Catarina Chitolina Zanini e com o apoio da CAPES. Na dissertação, uma de minhas questões centrais foi: “por que guardamos coisas que já não podemos usar?”. Destaco que esta mesma questão segue norteando minhas reflexões, agora no doutorado. Este e tantos outros questionamentos, que se desdobraram a partir do primeiro, foram suscitados por uma simples camisola que minha mãe herdou da mãe dela, Adeonides (1929-1997). A partir da camisola – que me provoca visões da minha avó toda vez que olho este item – passei a questionar-me: “que potência é essa?”. Com base nestas questões latentes, realizei uma pesquisa de caráter etnográfico com minha própria rede familiar: minha mãe e suas irmãs, buscando compreender como as pessoas relacionam-se com suas coisas – e com outras pessoas por meio das coisas –, mesmo depois que as coisas passam por mudanças de status – de objeto de uso para objeto de contemplação, por exemplo. A partir de então, encontrei com muitas outras coisas de outras pessoas, também cuidadosamente guardadas: rádios sem uso, louças rachadas, roupinhas de bebês que não nascerão: nos interiores das casas familiares, onde as coisas são tão próximas de nós que chega a ser quase impossível distinguir um limite entre o *eu* e o *outro*, as coisas podem assumir distintos significados e, até assumir o papel de testemunhas da vida partilhadas (Dias, 2024). Algumas coisas convivem tanto conosco que passam a ser *extensões de nós mesmos*. Mas, para que a camisola de Adeonides adquirisse a significação que tem hoje – “a camisola de Adeonides” –, ela passou por um *caminho*, o qual constitui sua *vida social* (Appadurai, 2021): foi fabricada, vendida, comprada, usada, lavada, guardada e usada novamente. E, para que percorramos caminhos de pesquisa com as coisas que nos levem à alguma compreensão, é essencial que nos deixemos guiar e segui-las em

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais com ênfase em antropologia (PPGCS/UFSM), Mestra em Ciências Sociais com ênfase em antropologia (PPGCS/UFSM), Bacharela em Desenho Industrial – Projeto de Produto (UFSM); Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON/UFSM) e ao Grupo de Pesquisa em História da Arte e Cultura de Moda (UFRGS).

<sup>2</sup> Núcleo de Estudos Contemporâneos; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; Universidade Federal de Santa Maria; Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil (DGP)/ CNPq: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8228515812555148](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8228515812555148).

seus fluxos, pois apartá-las de seus contextos e de suas interações é abandoná-las à total incompreensão (Douglas; Isherwood, 2004). Afinal, é por meio destas trajetórias compartilhadas que coisas e pessoas ganham vida e sentido. Uma das trajetórias que me salta aos olhos é quando guardamos aquilo que é cotidiano e banal e acabamos por convertê-lo em raridade, assim como ocorreu com a camisola de minha avó. Essa “conversão”, talvez seja passível de ser considerada como um ato revolucionário, em oposição a um incessante ciclo do consumo e da obsolescência, afinal, transformar o dito efêmero em precioso é desafiar a própria lógica capitalista de descarte e consumo contínuo. Desse modo, quando guardamos uma peça de roupa antiga ou uma coisa que já não tem utilidade prática, esse ato de guardar pode ser visto como uma forma de resistência contra a efemeridade imposta pela modernidade e pelo capitalismo de consumo rápido, mas também uma forma de *resistir* e de nos defrontarmos (com) a nossa própria efemeridade. Afinal, as coisas são mais duráveis que nós e permanecem, mesmo quando nós perecemos, ridicularizando, assim, nossa mortalidade (Stallybrass, 2007).

**Palavras-chave:** coisa; memória; família.

